



“... o drama não é simplesmente uma forma de literatura (...) o que faz com que o drama seja drama é precisamente o elemento que reside fora e além das palavras, e que tem que ser visto como ação...”.

MEMÓRIAL DESCRITIVO MESTRA ANA MARIA DA CONCEIÇÃO

Meu nome é Ana Maria da Conceição, mas todos me chamam de Mestra Ana, isso porque sou Mestra Dramista de Tianguá.



Nasci em no dia 26 de julho de 1956, na localidade rural de Tucuns, município de Tianguá, na Serra da Ibiapaba. Numa família simples, mas feliz. Meu pai era agricultor e minha mãe Dona de casa, eles viviam para os filhos e sempre nos ensinou a viver na igreja e a aprender coisas boas, positivas, a ser honestos e honrados.

Meus pais me disseram que desde muito nova, eu era uma criança curiosa, inteligente e muito sabida. No sítio onde eu morava, não tinha nada, só a pequena igreja, mas não tinha escola, televisão, rádio, água encanada ou energia elétrica. Música, só ouvia quando minha mãe cantava as cantigas dos dramas, eu adorava e cansava de perguntar de onde vinham àquelas cantorias tão lindas. Assim, mesmo sem saber, me interessei muito cedo pelos dramas.

Tive uma infância humilde, os brinquedos eram feito da natureza, as bonecas de sabugos de milho ou feitas de panos, panelinhas de barro e brincadeiras populares, o rio era a maior diversão, juntava toda a garotada que pulava e gritava na maior algazarra. As roupas poucas e muito simples. Meu pai comprou meu primeiro sapato quando eu tinha sete anos, para isso, ele começou a colher e vender corda de embira de croa, porque o dinheiro da agricultura só não dava para a gente comer. Ele era um homem muito rígido e nos dizia sempre: 'só pegue no que é seu!' E assim que eu e meus irmãos aprendemos que devemos a ser dignos e honestos, mesmo com todas as dificuldades das nossas vidas.

Quando criança, minha mãe, sempre me levava para ver ela se apresentando nos dramas. Em casa via as mulheres confeccionando suas roupas, eram todas feitas à mão, utilizando papéis coloridos com detalhes laminados, enquanto os seus adornos brotavam de sementes ofertadas pela natureza. Aos 10 anos, fiz a primeira apresentação, lembro-me do meu entusiasmo e de todos os detalhes daquele dia, da música que cantei, da roupa feita de papel prateado de carteira de cigarro, das flores e as estrelinhas na minha coroa, da pintura do rosto de tina de carvão e de urucum, dos colares e pulseiras feitos de sementes, tudo estava muito lindo apesar da simplicidade. Ainda recorro dos aplausos e de como fiquei orgulhosa, me sentindo muito importante, “agora era uma dramista de verdade”.

Desde então, me dediquei aos dramas que era a única diversão da comunidade de Tucuns. Minha infância era dividida entre os dramas, as brincadeiras e os estudos ainda ajudavam em casa. Não sei quando realmente os dramas deixaram de acontecer na comunidade, acho que quando chegou a eletricidade, a rádio e a televisão.



Além dos dramas ainda participava do reisado, do pastoril, das festividades da semana santa, a procissão d , da paixão de cristo e malhação de judas, brinquei na quadrilha caminho da roça por vários anos, e participei das matinés de carnaval. A cultura sempre foi motivo de divertimento e de alegria para mim.

O dinheiro das embiras também ajudou a pagar uma professora que nos ensinava o bê-a-bá, com ela aprendi a ler, escrever e contar até 100. Assim quando fui para a escola já sabia muitas coisas e lembro que ajudava as outras nas tarefas de classe.

Fiquei com essa professora que ensinava na casa dele por muitos anos.

Aos 16 anos, ganhei um emprego de professora “leiga”, na escola recém-inaugurada na comunidade, uma escola da prefeitura. E teve que volta a estudar para continuar a estudar, condição para continuar em sala de aula. Me matriculei no Mobral para concluir meus estudos.

Quando completei 20 anos me casei e me afastei das manifestações da comunidade, dediquei meu tempo a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Mas inquieta, ainda continuava disposta a aprender, ensinar e ajudar ao próximo. Numa comunidade carente como a nossa, toda ajuda era bem vinda, assim era bastante solicitada, seja na hora do nascimento ou na hora morte. Fiz dois partos, como benzedeira tirei muitos quebrante das crianças. Aprendi a fazer multimistura de sementes que servia para ajudar as crianças desnutridas, aprendi a fazer remédios caseiros e era muito procurada para fazer garrafadas, tudo isso, fazia sem cobrar nada de ninguém, a família é como uma família e todos se ajudam.

Ensinei meus filhos em casa e depois na escola que ainda lecionava. Da escola tive que sair porque ao completar o ensino médio parei de estudar, e a escola exigia o 3º pedagógico, que nunca fiz. Neste tempo, os dramas

populares ficaram esquecidos por anos na comunidade, acredito que a chegada da televisão, contribuiu para o enfraquecimento dessa cultura.

Dessa forma, fui levando minha vida até que em 2006, apareceu na comunidade o professor Marcio Araújo, indagando sobre os dramas, ele ia fazer uma pesquisa para a faculdade sobre os grupos de dramistas de Tianguá. Nas entrevistas, as mulheres diziam que tinha vergonha de se apresentar, que o povo podia mangar delas.



O projeto O Drama em Cena, do Professor Marcio Araújo, resultou na revitalização da brincadeira e novamente eu estava de volta aos palcos e fiz com muito carinho a empanada para a primeira apresentação depois de anos. Estava feliz, pois cabia a mim o importante papel de reunir as mulheres e os tocadores para novamente falarmos dos dramas, explicar a brincadeira, dos trajés, resgatar as músicas e recomeçar uma manifestação que estava adormecida na comunidade, tinha agora a missão de manter viva a tradição que minha mãe me repassou com tanto carinho e orgulho.

Minha casa, assim como a da minha mãe, voltou a ter a alegria dos dramas, a receber algumas mulheres da comunidade para juntar confeccionarmos as roupas, foi muito bom, ver a casa cheia de risos e falação. Cada uma fez sua coroa e sua faixa, ficaram um luxo, dignas de uma rainha. Fizemos os vestidos também, com babados e aplicações de flores coloridas, lantejoulas e outras predarias, tudo feito com muito capricho.

Iniciamos os ensaios, escolhemos as músicas e finalmente chegou o dia da apresentação. Confesso que estava nervosa, com medo de não dar certo, de o povo mangar da gente. Cabia a nós mostrar os dramas e socializar com nossos filhos, maridos, netas, bisnetas e outros residentes a cultural como uma herança de nosso antepassados.



Então no palco improvisado decorado com a empanada, eu e as outras dramistas aparecemos vestidas de rainhas, ciganas, baianas, floristas para exibir o drama, era nove mulheres disposta a dançar, cantar e assim falar

de amor, traição, perdão e outros personagens. Fiz papel de um bêbado, assumindo uma figura masculina. Foi bom perceber que as letras e as melodia das músicas ainda estava guardada na memória.

A apresentação contagiou o público pela nossa desenvoltura e espontaneidade diante da empanada e do publico, gente da comunidade, mas muitas pessoas da cidade. Ainda hoje me pergunto: “Como foi possível em meio a tanto sofrimento surgir algo tão alegre e contagiante como o drama”.

Depois dessa apresentação que fazia parte do projeto do Professor Marcio, outras pessoas da prefeitura começaram a se interessar pelos Dramas, recebemos a visita da Professora Vânia Vasconcelos que se comprometeu comigo em ajudar o grupo a se estruturar e participar de editais e apresentações em outros locais, fora da comunidade.

Assim, em 2007, o Grupo de Dramistas dos Tucuns, foi reconhecido como iniciativa exemplar do Brasil, pelo Edital do Ministério da Cultura, com o Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 anos de frevo.

Em 2008, fui Diplomada Mestre da Cultura Popular considerada Tesouro Vivo do Brasil, pelo Edital Mestre da Cultura da Secretaria da Cultura do Estado – SECULT, Ao receber o seu maior presente, o título de mestra da cultura popular , compreendi que tinha a obrigação de transmitir todo o conhecimento e amor que tenho pelos dramas às novas gerações.

Com a ajuda da Professora Vânia criei o grupo de dramistas-mirins e o projeto “Arte Cor de Rosa”, foi contemplado em 2010 no Edita de Premio Ludicidade do Ministério da Cultura. Era a vez das crianças se apropriar da brincadeira e junto comigo fizeram as roupas e acompanharam as apresentações do grupo por todo o Ceará.



Em 2014, o grupo foi aprovado no Edital de Incentivo as Artes com o projeto Andanças e vivencias das dramistas de Tucuns. O grupo fazia as apresentações e cabia a mim a responsabilidade de dar o depoimento das nossas experiências, bem como ministrar as oficinas de repasse da brincadeira, dei mais de 10 oficinas e nas minhas falas sempre mostrava a importância da preservação da tradição e que os grupos que estavam inativos, precisavam voltar a se apresentar. Foi uma experiência muito gratificante, aprendi muito com os grupos que visitamos. Descobri que existiam outras de formas de se apresentar e outras musicas que eu não conhecia.

Depois desse projeto surgiram convites e hoje as viagens fazem parte da minha rotina, no meu cotidiano não existe espaço para a palavra tristeza, os dramas me trouxeram muitas alegrias, muitas amizades e muitos benefícios.

Percorremos todos os municípios da Ibiapaba, fui para Fortaleza várias vezes, visitei as vezes sozinha e outras vezes com o grupo muitas cidades, participei de vários Encontros de Mestre do Mundo, (Juazeiro, Limoeiro e Sobral), participei da Conferência Municipal e Estadual da cultura por duas vezes representando o grupo, participei de duas Bienais do Livro, participei e ministrei oficinas no Festival Música na Ibiapaba, participei e fui homenageada no Festival União da Ibiapaba, me apresentei em muitos eventos de Tianguá (Projeto Uru, Surto Cultural, Ciranda Cultural, Quinta Cultural), Ministrei oficina em Ubajara para revitalização do grupo local, ministrei oficina no Ponto de Cultura Arte na Praça, do Mestre Pena, em Guaraciaba, contracenei com Marta Aurélia, Ney Matogrosso e Elke Maravilha no Filme Francisca Carla, que foi exibido no Cine Ceará. Me apresentei junto com o grupo na Conferência Estadual de Enfermagem, fui para diversas apresentações da Secretaria Estadual da Cultura, no Dragão do Mar e outros eventos.

EM 2010, junto com o grupo participei do Festival Internacional de Teatro de Rua de Brasília, passamos 5 dias lá, e foi uma experiência maravilhosa tantas outras experiências que não dar para contar.



Em 2016, eu e o participamos do Premio Cultural de Rede – Categoria Local, e fomos contemplados, o único a ganhar a premiação na Serra da Ibiapaba.

Em 2017, fui convidada para me apresentar na Bienal Internacional do Livro do Ceará, no espaço dos Mestres, sozinha e com minha espontaneidade e desenvoltura consegui agradar o público, Apesar de está cansada pela viagem de cinco horas, minha empolgação fez com que esquecesse o cansaço e a alegria de está ali, num evento tão importante me ajudou a realizar uma entrevista realizada no camarim que do jornal Diário do Nordeste. Eu estava toda arrumada, a maquiagem foi feita pelo pessoal do jornal. Adorei a entrevista, entre conversas e risos fui contando minha história.

Em 2020, com a Pandemia, as atividades foram canceladas e fiquei em casa, inquieta e angustiada por não poder fazer minhas apresentações. Ai apareceu o Edital Dendicasa e fiz um vídeo “Drama meu de cada dia”, que foi aprovado no edital.

Na comunidade estou sempre ocupada com os dramas, pois ele abrilhanta todos os eventos daqui, as festas juninas e os eventos religiosos da igreja, é uma ocupação em forma de divertimento.



Para mim, ser dramista é tudo de bom, me sinto orgulhosa e realizada em ser Mestra. Devo muito das minhas alegrias e conquistas pessoais e coletivas aos dramas. Conto as horas para chegar a hora dos ensaios, das reuniões e apresentações, e as viagens trazer muitas aprendizagens, pois conhecemos outros locais, outras pessoas e cultura. No palco, os cenários e figurinos repletos de simplicidade e criatividade alimenta minha autoestima e me projeta para um mundo mágico, onde tudo é possível. Lá passar de uma simples dona de casa a uma rainha coroada.

Nas apresentações fora da comunidade me fizeram entender o quanto é importante levar o nome dos Tucuns para além das suas fronteiras porque não só as dramistas que fazem parte do processo, a plateia é parte viva da brincadeira, é para ela que o espetáculo é montado, e suas reações frente às cenas, dar o incentivo para cada uma das dramistas se aprimorem e crescer como artista a cada nova apresentação.

Eu, me acho mais solta, mais criativa e mais segura hoje, depois de tantas vivências e seus aprendizados. Sei da importância dos dramas no contexto da cultura popular, que preciso manter o grupo unido e ativo e que nossa resistência contribui no fortalecimento do patrimônio imaterial do Ceará e do Brasil. Sei que ao continuar as atividades do grupo ajudo na preservação da memória coletiva da comunidade e na salvaguarda dessa e de outras manifestações da cultura local, garanto ainda o acesso das gerações futuras a brincadeira.

Também faz as incelenças ou benditos das almas, rituais aplicados ao defunto por meio de cânticos fúnebres. "Tudo o que vem chamar eu vou. Sempre querem me pagar, mas eu não aceito", explica. O próximo desafio da mestra é conquistar, com a ajuda da comunidade, a instalação de uma Delegacia da Mulher no município Tianguá.

Muito além de mães, avós, tias, irmãs, amigas, elas também são as Mestras do Drama consideradas guardiãs da história oral dos dramas representados em diversas regiões do Estado, as três são diplomadas mestras da Cultura Popular Tradicional, Coração de saberes populares. E assim, sigo confiante no meu propósito de difusão e preservação dos Dramas Cantos da Comunidade de Tucuns, por todo o Brasil..



Ana Maria da Conceição
ANA MARIA DA CONCEIÇÃO
MESTRA DRAMISTAS